



## 30 anos do MAE-UFBA

Este número é integralmente dedicado à comemoração dos 30 anos do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, completados no dia 27 de setembro de 2013. Neste sentido, o Boletim apresenta uma série de depoimentos que pretendem recuperar o contexto social e o ambiente acadêmico em que este projeto foi pensado, e o esforço de alguns intelectuais da UFBA para que, de fato, este fosse implementado de acordo com princípios museológicos sólidos. Assim, alguns dos personagens engajados na estruturação deste empreendimento universitário serão aqui devidamente evocados. Os esforços iniciais para a formação do MAE, como é sabido,

devem ser creditados ao Professor Valentim Calderon, primeiro arqueólogo a realizar pesquisa sistemática na Bahia, doador de vultosa coleção para esta casa museológica, mas que não a viu convalidada, por ter morrido antes da sua inauguração. Macedo Costa, então Reitor da UFBA, e mais José Calasans, na ocasião Vice-Reitor, merecem aqui também os créditos devidos a seus firmes apoios, pessoais e institucionais, na materialização deste sonho.

Um sonho que viceja ao prestar serviços culturais à Bahia e colaborar com a preservação dos patrimônios arqueológico e etnológico em território baiano.

## Editorial

Neste número comemorativo do Boletim Informativo do MAE-UFBA o leitor conta com importantes testemunhos sobre a fundação deste museu e que, de certa maneira, louvam o arqueólogo Valentin Calderón como peça fundamental a lastrear os estudos arqueológicos sistemáticos na Bahia, além de mentor do projeto museológico aqui desenvolvido.

O primeiro depoimento é dado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Célia T. Moura Santos, e nele é tratado o contexto museológico em que o MAE é projetado, ou seja, como uma experiência inovadora dentro da Universidade Federal da Bahia.

O segundo depoimento é prestado pelo Prof. Dr. Mario Mendonça de Oliveira que, no seu texto, recupera as questões inerentes ao restauro do subsolo da Antiga Faculdade de Medicina, local onde hoje se encontra o MAE, dando-nos um valioso testemunho sobre a descoberta e ocupação deste espaço, que é também um sítio arqueológico. Trata, portanto, da preparação da área para servir de abrigo a esta proposta museológica única.

Já na coluna Antropologia e Antropólogos na Bahia, recordo e dou testemunho dos dois períodos em que estive como pesquisador no MAE, nos anos 80 e 90.

Acrescem-se ainda a este número alguns fragmentos de um depoimento dado pelo Prof. Pedro Agostinho sobre o MAE ao Museólogo Antônio Marcos Passos, que fez pesquisa sobre o legado de Valentin Calderón na Bahia.

O esforço de apresentar tais depoimentos articula-se a necessidade de recuperar a memória da instituição, que agora festivamente comemora seu trigésimo aniversário. É, portanto, também, uma arqueologia dentro de nosso terreno institucional.

**Cláudio Luiz Pereira**  
Diretor do MAE/UFBA

## Em foco

### MAE/UFBA recebe espólio de Calderón



O MAE-UFBA recebeu das mãos da Senhora Lydia Calderón importante documentação que completa o acervo, atualmente depositado no MAE-UFBA, sobre o renomado arqueólogo espanhol Valentin Calderón. É objetivo do MAE-UFBA, durante o ano de 2014, realizar uma portentosa exposição, além de disponibilizar para pesquisadores esta valiosa documentação.

#### Expediente



#### MAE/UFBA

##### Direção

Cláudio Luiz Pereira

##### Museólogo

Antônio Marcos Passos

##### Conservação e Restauro

Mara Lúcia C. Vasconcelos  
Celina Santana

##### Corpo Funcional

Geovane Hilário da Silva (Eletricista)  
Alice Gomes (Assistente de Administração)  
Izania Santos (Assistente de Administração)  
Regina Lemos (Secretária Administrativa)

##### Estudantes Bolsistas

Cristiane Oliveira (Museologia)  
Hildelita Marques (Museologia)  
Luana Nascimento (Ciências Sociais)  
Mauricéia Silva (História)  
Renata Cardoso (Museologia)

##### Redação e Revisão

Cláudio Luiz Pereira  
Marlon Marcos - Jornalista DRT-BA 2235

##### Diagramação

Alice Meira Gomes

##### Tipagem: 300 exemplares

Funcionamento: Segunda à sexta, das 09h às 17h.

Terreiro de Jesus, s/n, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia - Pelourinho. 40025-010. Salvador-BA. Tel.: 71 3283-5530

mae@ufba.br | www.mae.ufba.br



## Museu de Arqueologia e Etnologia: uma experiência inovadora na UFBA

Por Maria Célia T. Moura Santos

Na Universidade Federal da Bahia, os anos 80 foram pródigos em criação de Museus. Com a saída da Faculdade de Filosofia do Terreiro de Jesus, em 1974, o prédio ficou desocupado e a Reitoria da UFBA, incentivada pelo Prof. Valentin Calderón, achou por bem utilizar o prédio da antiga Faculdade de Medicina como um Centro Cultural que abrigasse museus e cursos das áreas das artes e da cultura. Assim, foram destinadas salas para as atividades da Escola de Dança e, em 1982, instalados o Memorial da Medicina e o Museu Afro-Brasileiro. Em 1983, foi inaugurado o Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE. Os dois primeiros tiveram projeto expográfico e montagem a cargo de Jacyra Oswald, então professora do Curso de Museologia.

Para implantação do Museu de Arqueologia, o Professor José Calazans, Pró-Reitor de Extensão da UFBA, na gestão do Reitor Macedo Costa, convida o Curso de Museologia, propondo que o Museu fosse instalado no subsolo da Faculdade de Medicina, que havia passado por um processo recente de restauração. Era uma oportunidade de concretizar um sonho, do professor Valentin Calderón, de instalar, em Salvador, um museu de arqueologia. A proposta inicial era que fosse voltado somente à arqueologia. O acervo seria formado pelas coleções Valentin Calderón, Vital Rego, Carlos Ott e pelo próprio espaço do antigo Colégio dos Jesuítas.

Pela primeira vez, o Curso assumia a responsabilidade de planejar e implantar um Museu da Universidade. Por estar à frente



*Professor Valentin Calderón.*

do Colegiado do Curso de Museologia, naquele período, o projeto ficou sob minha coordenação, tendo sido desenvolvido com a participação de todos os professores do Curso, sendo o Prof. Antonio Rios encarregado da expografia. Posteriormente, o convite do Professor Calazans foi estendido ao Departamento de Antropologia, que indicou a professora Maria Hilda Paraíso para fazer parte da equipe. Também foi convidada a arqueóloga Iara Bandeira, que passou a coordenar um grupo de arqueólogos e restauradores. Nos reuníamos para discutir a concepção do Museu, o programa da exposição e, paralelamente, o Prof. Oswaldo Gouveia trabalhava com os estagiários de Museologia no processo de documentação do acervo. Após a definição do programa e dos roteiros da exposição, foram contratados os fotógrafos Claude Santos e Eduardo Walter de C. Ribeiro, que coordenaram a equipe de

programação visual, a partir do programa e do roteiro adotado para as exposições. Foi destinado um espaço para exposições de curta duração, que foi inaugurado com o acervo do pesquisador e Prof. Pedro Agostinho, resultado de seus projetos de pesquisa no Alto Xingu.

O Museu foi, desde o início, pensado de uma maneira muito didática. Buscava-se, naquele momento, a construção de projetos pedagógicos inovadores, articulados à produção crítica do conhecimento, integrados a ações criativas de mudança, tentando alargar as bases do compromisso social da Universidade. Assim, a concepção adotada contemplava uma abordagem contextualizada das exposições, da arqueologia e da atuação dos arqueólogos, com destaque para os pioneiros da arqueologia em nosso Estado – Valentin Calderón, Thales de Azevedo e Carlos Ott –, inserindo o acervo nos diferentes contextos, situando os diversos sítios que

deram origem às coleções, destacando a ação do homem, em relação com o meio, e os processos de manufatura dos objetos expostos. Foram privilegiados, além disso, o histórico e os diferentes usos do antigo prédio do Colégio dos Jesuítas. É interessante registrar, também, que foi elaborada uma proposta de regimento para o Museu.

Os alunos do Curso de Museologia foram envolvidos em todo o processo de instalação do Museu, acompanhados por professores das disciplinas técnicas. Foram destinadas duas salas, próximas ao Museu de Arqueologia, para aulas do Curso de Museologia. Naquele período, chegou-se a ventilar a possibilidade do Curso de Museologia voltar a funcionar no prédio do Terreiro de Jesus, com o objetivo de utilizar os três museus como museus-escola, desenvolvendo atividades de pesquisa, ensino e extensão, pleito que já havia sido encaminhado pelo Colegiado do Curso de Museologia aos gestores da Faculdade de Filosofia e da Reitoria da UFBA, em vários momentos, e que deveria incluir todos os museus da Universidade.

Após a inauguração do Museu de Arqueologia e Etnologia, decidimos que deveríamos colocá-lo à disposição da comunidade local, de professores e de alunos dos colégios situados no Centro Histórico de Salvador, próximos do MAE. Estruturamos um projeto, com a participação de estagiários de museologia, professores do colégio Azevedo Fernandes, alguns professores convidados e diferentes grupos sociais que

atuavam no Pelourinho e no Terreiro de Jesus, desenvolvendo ações de pesquisa, ensino e extensão, de forma integrada. Consideramos este projeto como um marco para o Curso de Museologia, pois, com as ações museológicas desenvolvidas, foi possível mobilizar pessoas para uma leitura compartilhada do Centro Antigo da Cidade, da Universidade e dos museus. Conseguimos, também, abrir possibilidades para novas intervenções, dando vida e renovação à Universidade, à prática pedagógica do Curso de Museologia e do Colégio Azevedo Fernandes e à prática social dos demais atores envolvidos com o projeto.

A experiência de coordenar a organização e a implantação do MAE-UFBA foi, para mim, marcante, pois permitiu-me vivenciar, na prática, o quanto é rico e criativo o processo de planejamento, que nasce do movimento dos atores sociais, que cria uma rede de interação, estimulando o nascimento de comunidades de aprendizagem, e que concebe a gestão como um sistema orgânico, criando espaços para o estímulo e para a prática de uma cidadania multicultural. Foi um tempo rico de ação e reflexão.

Penso que a experiência de estruturação e implantação do Museu de Arqueologia e Etnologia trouxe e continuará trazendo contribuições importantes para a prática pedagógica, internamente e fora da Universidade, para a gestão dos museus e para a sonhada construção de uma Política Museológica para a UFBA.

## Livro em destaque

Por Mauricea de Souza e Silva\*

Sztutman, Renato *O Profeta e o Principal: A ação política Ameríndia e Seus Personagens*. São Paulo, Edusp Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp, 2012. 576 p.

A guerra foi uma mola propulsora na sociedade tupi, uma vez que foi fator gerador dos guerreiros como ideal masculino. Foi também ela que gerou os grandes chefes, os ditos "Principais", ou "Morubixabas", que tinham a posse dos inimigos capturados e organizavam a "caiuagem", através da qual se davam as cerimônias antropofágicas. Para ser um "Principal" o guerreiro vivenciava um ritual de passagem, na idade de menino para homem maduro, obtendo novo nome, bem como novas escarificações e signos corporais. Assim, podia casar e ter filhos, e quanto mais inimigos eram devorados, maior seria ainda seu prestígio e sua distinção.

Os tupis antigos acreditavam que os Xamãs podiam ressuscitar os mortos e conheciam os caminhos que ligam esse mundo ao outro, ou seja, a "Terra sem Mal". Eram profetas, caraíbas andarilhos, que conquistavam índios de várias aldeias, e contrapunham os "principais" que, em tempos de paz, não eram ouvidos. Eles causavam agitação aonde chegavam e eram combatidos pelos clérigos que viam nestes caraíbas mais uma ameaça a sua evangelização.

*O Profeta e o Principal* é um livro extenso, mas delicioso de ser lido. É interessante observar nele como Sztutman, seu autor e professor da USP, argumenta com respeito ao papel das mulheres nesta sociedade tupi, ao ritual antropofágico e, também, quando a consequente perda social após a supressão deste ritual. É notável, além disto, como o autor trata das relações dos tupis com os europeus e, como um lado e outro se apropriaram das instituições culturais: padres que se xamanizaram transformaram "Principais" em príncipes, para obterem aliados, bem como xamãs e "Principais" que adquiriram nome de batismo europeu de forma a aumentar seu poder social.

\*Bolsista do MAE e estudante de História/UFBA

\*Maria Célia Teixeira Moura Santos é Profa. Aposentada do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, Museóloga, Mestre e Doutora em Educação.



## Sobre o restauro do subsolo da Antiga Faculdade de Medicina, hoje Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA

Por Mário Mendonça de Oliveira\*



### *Porões da antiga Faculdade de Medicina logo após o restauro*

Como preâmbulo a este depoimento sumário seria necessário retornar ao passado recente, procurando resgatar a memória de alguns acontecimentos. Estávamos na direção da então FPACBA, conhecida vulgarmente como Fundação do Pelourinho, quando nos foi confiada a missão de salvar da ruína o monumento testemunho das raízes da Medicina Brasileira, pelo Professor Roberto Santos, quando Governador do Estado da Bahia e antigo aluno da referida instituição de ensino. A UFBA tinha conseguido, através da citada Fundação, recursos para a restauração parcial do imóvel, junto ao Programa de Cidades Históricas, comprometendo-se, como norma do financiamento, a arcar com parte dos recursos necessários, no montante de 20% do orçamento. Acontece que por problemas de indisponibilidade de fundos, a Universidade

não conseguiu honrar a sua parte e assim as obras ficaram paralisadas, quando o Governo do Estado resolveu assumir a citada contrapartida para salvar o templo da Memória da Medicina do nosso país. Nessa ocasião, nas pesquisas e prospecções efetuadas, verificamos que os espaços ocupados, atualmente, pelo Museu de Arqueologia tinham tido o antigo pavimento aterrado em cerca de 40cm. O resultado é que o pé-direito dos cômodos amesquinhou-se, dando a impressão de se estar em um socavão. Removendo o entulho encontramos o nível do antigo pavimento desses espaços, onde apareciam resquícios da antiga tijoleira da pavimentação, porém, a nossa intervenção cessou por aí, pois, o restante dos recursos do projeto mal dava para reforçar as estruturas apodrecidas dos telhados, bem como o vigaamento do piso do Salão Nobre.

Mas, a nossa vida profissional viria se cruzar, mais uma vez, com o velho edifício da Escola de Medicina, monumento pelo qual temos o maior carinho, por ter sido a escola do nosso pai. Na gestão do Reitor Macedo Costa ficou decidido que o subsolo do monumento em questão deveria abrigar o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. Em virtude das nossas ligações profissionais e afetivas com o edifício fomos chamados para projetar o restauro da referida área, o que aceitamos, sem qualquer ônus para a Universidade.

O tema era realmente instigante, para quem se dedica à preservação do patrimônio construído, pois, quando se fala na Antiga Faculdade de Medicina da Bahia é sempre forçoso considerar o original Colégio dos Regulares da Companhia de Jesus sobre o qual ela foi adaptada.

Procurando o resgate da memória do local, buscamos a ajuda do nosso emérito Capitão Engenheiro José Antônio Caldas que, nos idos de 1782, cadastrou, com seus discípulos da Aula Militar, o antigo Colégio. O dito imóvel, nessa época, pertencia à Coroa de Portugal, em virtude da expulsão dos jesuítas do Brasil. A comparação do atual cadastro com o desenho de Caldas mostrou que a área destinada ao Museu tratava-se de área original do Colégio datando, possivelmente, do século XVII. A reforma pós-incêndio, do início do século XX, levada a efeito sob a batuta do ilustre Engenheiro Teodoro Sampaio era perfeitamente legível, cotejando-se os cadastros (antigo e atual) e os sistemas construtivos dos muros e arcadas que lá estão.

Na nossa proposta adotamos uma posição minimalista, do ponto de vista conceitual, pois entendemos que a máxima do mestre Mies van der Rohe para arquitetura, de que menos é mais, tem significado ainda maior para o restauro. É o que acreditamos e professamos. Seria total impropriedade tentar criar qualquer elemento novo naqueles espaços, alguma coisa para competir com a beleza dos ambientes originais, de grande valor arqueológico e de memória do nosso patrimônio edificado, "não importa que tenham sido criados outrora para simples instalações de serviços". Propusemos, assim, a consolidação do paramento dos antigos muros, já desprovidos de revestimento, com suspensão acrílica, completando a limpeza dos ditos paramentos para deixar os sistemas construtivos aparentes, com escopo didático. É uma verdadeira aula da construção antiga, de abóbadas



*Tratamento do pátio onde são destacados os vestígios arqueológicos do poço e da fonte.*

de aresta, na parte que ainda se encontra encoberta por tais elementos arquitetônicos, bem como dos muros construídos com materiais diversificados. Onde existiam coberturas de lajes de concreto armado, efetuadas na reforma conduzida por Teodoro Sampaio, recomendamos a sua pintura de negro, para destacá-las das partes originais. Os tetos negros evitam também reflexos indesejáveis nas vitrines que seriam colocadas posteriormente, evitando a dispersão da atenção dos visitantes sobre os artefatos arqueológicos expostos.

Aonde existiam vestígios da tijoleira do piso original, muito degradada por sinal, procedemos a sua consolidação, para suportar o pisoteio dos visitantes e reintegramos as partes faltantes com pedra portuguesa calcária. Os demais espaços foram pavimentados com lajotas de pedras areníticas, de forma regular, que estabelecem um diálogo ameno com os materiais

originais. Sobre os funcionamentos dos antigos espaços objeto do projeto, ainda pairam dúvidas. A planta de Caldas só faz referência a um deles do qual, no desenho, aparece a designação de latrinas.

Ao desentulhar o pátio, para onde davam as arcadas externas, de arco abatido, tivemos a surpresa de encontrar vestígios de um poço (ou cisterna entulhada) e a bacia de uma fonte. Esta última deve ter sido efetuada para marcar a centralidade do pátio, alterada com o passadiço sobre arcadas acrescido, provavelmente, na reforma de 1905, após o grande incêndio.

Foram bastante lisonjeiras para a nós as opiniões dos professores Gurrieri e Minissi, logo após o término das obras, bem como o fato de ter merecido destaque no Diário Oficial do Estado, no suplemento do Dia da Cultura dos dias 5 e 6 de novembro de 1983, sem contar com a satisfação de termos servido, com o nosso trabalho, à Universidade.

\*Mario Mendonça de Oliveira é doutor em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia - Notório Saber (2001). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal da Bahia da qual recebeu o Título de Professor Emérito.



## Antropologia e Antropólogos na Bahia

### No dia em que desenterramos um megatério choveu...

Por Cláudio Luiz Pereira\*

Sabe lá os céus a matéria de que são feitas as memórias... e o vate tão somente ousou indagar pela matéria de que são feitos os sonhos. As memórias, para mim, são feitas de imagens, de textos, de representações, das interpretações, dos fragmentos daquilo que o tempo torna tangível, irreduzível, inolvidável. Minha memória do MAE-UFBA tem este caráter de *bricolage*, de *puzzles*, de coisas que se encaixam fáceis e de coisas que jamais se encaixarão, de instantes raros, de conhecimento e auto-conhecimento...

Estive por duas vezes no MAE-UFBA. Em ambas as ocasiões, os acontecimentos que eu vivi foram fundamentais para definir minha presença na Universidade, e minha compreensão do que é este mundo universitário.

Acredito que eu tenha chegado no MAE no ano de 1984, logo após a conclusão do curso de Ciências Sociais. Estava vindo da Coordenação Central de Extensão, onde trabalhava no Setor de Cinema, com Guido Araújo. Quando eu decidi me deslocar para o MAE, considerava justamente esta perspectiva de ser um cientista social na Universidade, e uma proximidade com Maria Hilda Paraíso, que tinha sido uma das minhas professoras na graduação e que coordenava o MAE-UFBA.

Quando eu cheguei lá no Museu percebi claramente que ele estava em formação, e prevalecia o interesse na pesquisa arqueológica, sobretudo. Naquele momento transitavam por lá pessoas como os museólogos Antônio Rios, Maria Célia e Glória; as arqueólogas Leila e Verbena; o professor do ICS João Carlos, que era meio *outsider* e fascinado por cadáveres; o restaurador Matias, que fazia um trabalho de louco, colando cacos e cacarecos. Também lá ia Lara Bandeira, Mario Mendonça e toda uma gente interessada em arqueologia, fossem profissionais ou meros aficionados,

alguns nitidamente doidos. Para mim sempre foi fascinante com a arqueologia conseguia atrair gente desvairada do juízo, indianas jones de plantão, abibolados e atrapalhados de espíritos, portadores de verdades nunca dantes desveladas como cidade de pedras, continentes perdidos, passagens secretas, tesouros...

Acima de todos estes personagens, no entanto, pairava a figura de Pedro Agostinho, que era uma espécie de guru, e que me encantava com sua conversa falada em bom português de Portugal, cheio de sotaque e entusiasmo pelas coisas da antropologia. Acho que Pedro é um capítulo à parte desta memória, já que costumo creditar a ele parte fundamental do meu treinamento como antropólogo.

Uma das minhas histórias no MAE-UFBA tem pra mim um aspecto comovente. Ocorreu lá por meados dos anos 80. De súbito tinha chegado uma notícia no Museu de que lá pras bandas de Mairi-Ba, devido a uma grande seca, começara a se revelar ossos de animais pré-históricos em lugares onde, até então, se guardava água. Fomos para lá com ajuda da prefeitura local e passamos dias tentando localizar ossadas e depois de encontrar uma delas, aparentemente íntegra, nos pusemos a desenterrá-la. Retiramos um enorme fêmur de megatério, uma preguiça gigante, quando naquele momento se formou uma enorme nuvem negra e um dilúvio se precipitou sobre a terra enchendo rios, lagoas e cacimbas, e levando de volta a uma condição liminar todas aquelas ossadas que por tão pouco tempo afloraram na vazante.

Outro projeto desta mesma época foi o "Bahia: Raízes Indígenas" que pretendia recobrir com pesquisas etnográficas os seis grupos indígenas baianos então reconhecidos.

Acabamos por realizar somente um trabalho de campo com os Pankararé, em Glória – Ba. O material coletado se encontra nas reservas do MAE, o material fotográfico, amplo e significativo documento sobre esta comunidade indígena, ficou sob guarda do IPAC e até hoje jamais foi exposto.

A segunda vez que estive no MAE, aconteceu por volta do ano de 1987, após retornar a UFBA, depois de passar um ano e meio fora desta Universidade. Quando cheguei, as coisas já tinham mudado consideravelmente, e o Museu tinha ganhado outra dinâmica, agora mais voltado para formação etnológica e para a pesquisa antropológica. Nesta época conheci a Prof<sup>a</sup>. Maria do Rosário Carvalho, que se associara ao MAE-UFBA, e juntamente com Pedro Agostinho, dava um novo alento a esta instituição insistindo no primado da formação antropológica, no cuidado metodológico, no esforço de coletar vasta documentação sobre as populações indígenas regionais.

Neste período faziam parte do Museu vários estudantes ligados ao PINEB, dentre eles, Marcos Tromboni, Marco Martins e Marcos Luciano. E além deles, passaram por lá Suzana, Cloves, Janai... Estava chegando também, nesta época, Carlos Etchevarne imprimindo uma nova liderança nas pesquisas arqueológicas baianas, a partir do Projeto da CHESF sobre a represa de Sobradinho.

Saí do MAE justamente quando todo este grupo se retirou em solidariedade a Pedro Agostinho, então em confronto aberto com o Reitor Rogério Vargens, que nomeara para coordenar o MAE uma servidora sem a adequada expressão intelectual. Fomos todos para o Mestrado de Sociologia, mas aí já começaria outra história...

\*Antropólogo e Diretor do MAE/UFBA

## Memórias do Prof. Pedro Agostinho sobre o MAE

Por Antonio Marcos Passos\*

O Prof. Valentin Calderón sempre teve a ideia de fazer o Museu, chegando a ter a planta do Museu desenhada. Ele estava no Setor Cultural da Universidade junto com o Prof. Roberto Santos, e naquele momento, neste Setor, ele teve a possibilidade de fazer o Museu de Arqueologia e Etnologia (...) e aí já não me lembro se foi em função da Universidade, ou se foi em função do Roberto Santos, ter ido para o governo do Estado (...)

Tinham surgido duas possibilidades: uma era fazer o Museu de Ciência e Tecnologia, que Calderón também ajudou a bolar, e foi nessa fase de Calderón no Museu de Arte Sacra da UFBA, que surgiu a ideia do Museu de Arqueologia (...). Calderón mesmo trabalhando no Museu de Arte Sacra, não deixou de pensar na possibilidade de fazer o Museu de Arqueologia e Etnologia e, de certa forma, acho que ele tinha esperança que eu ajudasse nisso, mas as condições não permitiam ajudar diretamente, mas permitia organizar uma equipe de etnologia (...).

Na verdade Calderón, desde aquela época, queria fazer o Museu, mas não tinha meios. É quando houve a possibilidade de fazer os museus de Ciência e Tecnologia e o de Arqueologia. (...) E houve uma prioridade política pela Ciência e Tecnologia, devido às condições do Estado, tais quais eram no tempo de Roberto Santos, que já era governador. É evidente que dentro do quadro geral da política do Estado, e das necessidades materiais do Estado, concorde-se ou não com elas, mas conforme definidas na época aquele que teve prioridade foi o de Ciência e Tecnologia (...).

Depois Calderón morre... Calderón morre e deixa um espólio arqueológico e um espólio documental, grande parte está no Museu. Morre bastante cedo, não



tinha chegado a completar 60 anos (...). Então o resultado é que com a morte dele, neste momento eu estava no Rio estudando, fazendo doutorado, (...) e a professora Maria Hilda que estava ali conversou com José Calazans a respeito da questão do acervo de Calderón. Foi daí que surgiu a ideia de fazer o Museu de Arqueologia e Etnologia (...).

Foi montado com a colaboração e o apoio logístico, político e administrativo de Calazans, como Vice-reitor, e apoiado pelo Macedo Costa, como Reitor. No momento em que praticamente o prédio de Medicina estava deitado às urtigas, caindo aos pedaços, e com a ação de Calazans e Macedo Costa o prédio foi em parte restaurado para fazer o Memorial de Medicina, em parte para o Museu Afro, e em parte para o Museu de Arqueologia e Etnologia. E eu acho que é a coisa correta ali uma série de museus e bibliotecas viradas para o exterior da Universidade (...).

De qualquer forma, era isso que estava tentando criar ali Calazans, que estava ajudando nesta coisa. A professora Maria Hilda teve um papel importante nesta questão também e no plano museológico a Profa. Célia (...). Inicialmente quan-

do o MAE/UFBA foi criado era pensamento do Reitor Macedo Costa, da própria Maria Hilda e de Calazans que eu fosse o Diretor. Eu tinha dito que sim, mas quando eu cheguei tinha que fazer a tese de doutorado e, além disso vi que o jeito que estava, estava indo bem, e naquele momento não era possível fazer mais do que aquilo. E então não quis assumir e deixei com Maria Hilda que estava dirigindo, continuasse dirigindo e quando ela entregou o cargo, por mudanças de Reitor, eu avalizei o nome dela (...).

Depois quando as coisas não estavam correndo como deveriam ocorrer é que disse "estou disposto a assumir", e aí assumi, assumi a contragosto, mas assumi. Portanto, a minha relação com o Museu foi essa, trabalhei primeiro como uma espécie de consultor de mais experiência, ficando lá mesmo, depois de um ano, mais ou menos, assumi a direção em 1995(...). E, então, a etnologia foi apoiada basicamente em Rosário de Carvalho e a de arqueologia em Carlos Etchevarne.

Foi assim que eu entrei no Museu, mas desde o começo este foi pensado por Calazans, pelo Reitor e pela própria Maria Hilda (...).

\*Entrevista com Prof. Pedro Agostinho em 1999, colhida no Projeto de Pesquisa Histórica da Coleção Valentin Calderón, projeto CPPQ/PIBIC orientando Antonio Marcos Passos com orientação da Profa. Dra. Rosana Andrade Nascimento do Curso de Museologia da UFBA (1999)